

CENTRO DE ESTUDOS CLASSICOS  
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

---

# EVPHROSYNE

REVISTA DE FILOGIA CLÁSSICA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXXI

—  
SEPARATA



LISBOA • 2003

# O resgate do corpo de Heitor na *Iliáda* (*Il.* XXIV)

JOSÉ PEDRO SERRA  
Centro de Estudos Clássicos - Lisboa  
j.p.serra@mail.doc.ul.fl.pt

Morto Heitor, anulado o gesto e extinto o sopro de quem houvera morto aquela cabeça amada, a de Pátroclo, Aquiles pode agora saciar a sua obsessiva sede de vingança, na qual, porventura ilusoriamente<sup>1</sup>, procura acalmar a sua extrema dor<sup>2</sup>. A notícia da morte do seu companheiro e da luta que à volta do cadáver Gregos e Troianos empreendiam, notícia que Íris levara ao filho de Peleu (XVIII, 170-180), abriu para Aquiles um caminho indiscutível e irreversível, destino funesto cuja força o leva de novo ao combate, sobrepondo-se à desonra do insulto proferido por Agamémnon na assembleia (I, 106ss). Por Pátroclo verteu Aquiles quentes lágrimas (XVIII, 131-138), prometeu o sacrifício de doze brilhantes filhos dos Troianos (XVIII, 336-338), jurou matar Heitor, antes mesmo de ao amigo conceder a sepultura (XVIII, 333-335); pela dor provocada pela morte de Pátroclo renunciou Aquiles ao alimento (XIX, 305-308), inundou o Escamandro de cadáveres (XXI, 205ss), rejeitou os civilizados pedidos do filho de Príamo antes de sobre este cair como leão cai sobre cordeiro<sup>3</sup>. O triunfo no combate decisivo não aplacou, porém, a cólera funesta do filho de Peleu, que imaginou para o corpo morto do príncipe troiano um tratamento terrível: preso ao carro pelos pés, a cabeça batendo no solo e espalhando os cabelos escuros, cabeça outrora bela e agora mergulhada na poeira levantada, Aquiles arrastou o cadáver de Heitor pelas planícies de Tróia procurando assim desfigurar e mutilar o que restava daquele herói.

O início do canto XXIV, todavia, mostra-nos um Aquiles em quem a fúria e a cólera mostram já alguns sinais de cansaço. Seria errado pensar que a ira está já ausente, mas a violência e até a crueldade com que anterior-

---

<sup>1</sup> A esterilidade dos gestos vingativos de Aquiles é por mais de uma vez sugerida. Veja-se, por exemplo, XXIV, 50-52; 755-756.

<sup>2</sup> Sobre o destino de Aquiles ver CHARLES SEGAL, *The Theme of the Mutilation of the Corpse in the Iliad*, Leiden, 1971; GREGORY NAGY, *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore, 1979; JASPER GRIFFIN, *Homer on Life and Death*, Oxford, 1980; JOSÉ PEDRO SERRA, «A morte heróica: transfigurar a vida pela meditação na morte», *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, 24, 2002, pp. 7-14.

<sup>3</sup> O símile entre Aquiles e o leão é frequente. Ver, por exemplo, XVIII, 316ss; XXII, 250ss.

mente se revelou assumiram agora traços de fadiga, de uma melancolia triste, talvez mesmo entediada. A dor ainda o domina mas não se expressa daquela forma dura, intensa, crua. Diz o texto que o filho de Peleu, recordando Pátroclo, chorava e o sono, que tudo doma, o não domava<sup>4</sup>:

τῶν μιμησκόμενος θαλερὸν κατὰ δάκρυον εἶβεν,  
ἄλλοτ' ἐπὶ πλευρὰς κατακείμενος, ἄλλοτε δ' αὖτε  
ὑπτιος, ἄλλοτε δὲ πρηνής· τοτὲ δ' ὀρθὸς ἀναστὰς  
δινεύεσκ' ἀλύων παρὰ θιν' ἄλός.

Deve-se esta mudança, não apenas ao poder erosivo e purificador do tempo, mas sobretudo ao ríspido pedido de Pátroclo que em sonhos lhe aparecera, reclamando para ele as já tardias honras fúnebres para que a sua ψυχή pudesse transpor convenientemente as portas do Hades (XXIII, 62-76). As cerimónias fúnebres, que ocupam o canto XXIII, constituem uma ruptura geradora da metamorfose da cólera funesta de Aquiles. Do ponto de vista narrativo, a cremação e os jogos em honra de Pátroclo marcam uma interrupção na expressão da ira, desenham uma diferença temporal qualitativa que prepara o futuro apaziguamento do herói grego. A cólera ainda se nota e faz mover; por três vezes arrasta Aquiles o cadáver de Heitor à volta do túmulo do filho de Menécio, mas fá-lo já mecanicamente, cansado, pelo poder de uma magoada inércia. Diz o texto<sup>5</sup>:

οὐδέ μιν ἤως  
φαινομένη λήθεσκεν ὑπεῖρ ἄλα τ' ἠϊόνας τε,  
ἀλλ' ὃ γ' ἐπεὶ ζεύξειεν ὑφ' ἄρμασιν ὠκέας ἵππους,  
Ἔκτορα δ' ἔλκεσθαι δησάσκετο δίφρου ὄπισθεν,  
τρὶς δ' ἐρύσας περὶ σῆμα Μενoitιάδαο θανόντος  
αὐτίς ἐνὶ κλισίῃ παυέσκετο, τὸν δὲ τ' ἔασκεν  
ἐν κόνι ἐκτανύσας προπρηνέα.

Decidem os deuses pôr fim a estes actos brutais; por Tétis é Aquiles avisado da necessidade de restituir o corpo de Heitor e por Íris põe-se Príamo a caminho da tenda de Aquiles (XXIV, 128-140;171-187). Assim, por desejo de Zeus e por indicação divina se prepara o encontro entre ambos. Do lado troiano, a viagem do rei ao acampamento grego não pode deixar de ser vista com inquietação. Apresentar-se só e à mercê daquele que com mão pesada destruiu Heitor, que semeou a dor e o luto na cidade de Tróia, é tentar a sorte mais do que a prudência permite. Hécuba vê no gesto do marido o sinal da

<sup>4</sup> Cf. XXIV, 9-12. «Recordando-se disto [da força viril e do valor de Pátroclo], derramava abundantes lágrimas, ora deitando-se de lado, ora de costas, ora com o rosto para baixo; ou então, erguendo-se, ia e vinha, errando, junto às margens do mar.»

<sup>5</sup> Cf. XXIV, 12-18. «Nem lhe passava despercebida a aurora, quando surgia sobre o mar e as margens; depois de atrelar os velozes cavalos ao seu carro e de amarrar Heitor à parte de trás, para o puxar, três vezes o arrastava à volta do túmulo do filho morto de Menécio. Então, vinha de novo repousar na tenda, e deixava-o jazendo no pó, com o rosto voltado para baixo.»

perda de juízo e de sabedoria (XXIV, 201-208) e os amigos olham-no como se dele se despedissem<sup>6</sup>:

φίλοι δ' ἅμα πάντες ἔποντο  
πόλλ' ὀλοφυρόμενοι ὡς εἰ θάνατόνδε κιόντα.

Do lado grego, a recordação da morte de Pátroclo deixa um rasto que ensombra o ânimo de Aquiles.

Estas são as linhas fundamentais que orientam o encontro entre o rei dos Troianos e o rei dos Mirmídonos. Mas o que ocorre de facto nesse encontro e qual o seu significado? Ao entrar na tenda de Aquiles, sem ser visto, o velho Príamo abraçou os joelhos de Aquiles e beijou aquelas mãos assassinas, mãos terríveis que lhe tinham morto vários filhos. Então, em tom suplicante, recordou a Aquiles a imagem de seu pai, Peleu, que, também no limiar da sombra velhice, esperava por ele na fértil Ftia. E na sequência desta evocação, tendo tido a coragem de levar à boca a mão assassina do seu filho, pediu então o resgate do corpo de Heitor:

μνήσαι πατρός σοῖο, θεοῖς ἐπιείκελ' Ἀχιλλεῦ,  
τηλίκου ὡς περ ἐγών, ὀλοῶ ἐπὶ γήραος οὐδῶ·  
καὶ μὲν που κείνον περιναίεται ἀμφὶς ἐόντες  
τείρουσ', οὐδέ τις ἔστιν ἀρῆν καὶ λοιγὸν ἀμῦναι.  
(...)  
ἀλλ' αἰδεῖο θεούς, Ἀχιλλεῦ, αὐτόν τ' ἐλέησον,  
μνησάμενος σοῦ πατρός· ἐγὼ δ' ἐλεεινότερός περ,  
ἔτλην δ' οἷ' οὐ πῶ τις ἐπιχθόνιος βροτὸς ἄλλος,  
ἀνδρὸς παιδοφόνοιο ποτὶ στόμα χεῖρ' ὀρέγεσθαι.<sup>7</sup>

A lembrança de seu pai que em vão por ele esperava na terra pátria, fez nascer nele o desejo de o lamentar. Diz o poeta que ambos choravam, um lembrando o filho, outro lembrando-se de seu pai:

Ὡς φάτο, τῷ δ' ἄρα πατρός ὑφ' ἴμερον ὦρσε γόοιο·  
ἀψάμενος δ' ἄρα χειρὸς ἀπώσατο ἦκα γέροντα.  
τῷ δὲ μνησαμένω, ὃ μὲν Ἔκτορος ἀνδροφόνοιο  
κλαῖ' ἀδινὰ προπάροιθε ποδῶν Ἀχιλλῆος ἐλυσθείς,  
αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς κλαῖεν ἐὸν πατέρ', ἄλλοτε δ' αὖτε  
Πάτροκλον· τῶν δὲ στοναχὴ κατὰ δώματ' ὀρώρει.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Cf. XXIV, 327-328. «E, enquanto muito se lamentavam, todos os amigos o seguiam, como se ele caminhasse para a morte.»

<sup>7</sup> Cf. XXIV, vv. 486-489; 503-506. «Lembra-te, Aquiles semelhante aos deuses, do teu pai, idoso como eu, no limiar funesto da velhice; talvez também a ele os que habitam à sua volta o forcem, sem que haja alguém para afastar a ruína e a morte. (...) Respeita os deuses Aquiles, e ao lembrares-te do teu pai, tem piedade de mim; sou ainda mais digno de piedade do que ele, pois suporrei aquilo que nenhum outro mortal à face da terra ainda suportou, levar aos meus lábios a mão do homem que assassinou o meu filho.»

<sup>8</sup> Cf. XXIV, vv. 507-512. «Assim falou, e suscitou em Aquiles o desejo de lamentar o pai; colocando a mão sobre o ancião, afastou-o com doçura. Ambos se recordavam, um de Heitor, o assassino, prosternado aos pés de Aquiles, o outro, Aquiles, chorava ora o seu pai, ora Pátroclo; e os gemidos elevavam-se pela casa.»

O gesto de Aquiles – a restituição do cadáver de Heitor, que, apesar de tudo, os deuses tinham protegido da degradação e da mutilação – é sinal de uma piedade até aí ausente do θυμός do herói grego; decisivo, porém, é o facto de essa piedade se fundar numa nova e aguçada consciência da condição e vulnerabilidade humanas<sup>9</sup>. Pela primeira vez, depois que a ira causada pela morte do seu companheiro o dominou, Aquiles vê fracturar-se a obsessão de vingança que o encerrava e agrilhoava a esse desejo de violenta desforra. Em Aquiles, tudo convergia para este único desejo e nessa obsessão, nesse encerramento, o mundo e os outros surgiam-lhe como o reflexo da sua dor e da sua cólera. A recordação de seu pai, Peleu, e da sua inútil espera, sugerida pelo venerável ancião, coloca-o perante o *outro*, o sofrimento do *outro*, com uma radicalidade e uma universalidade que a analogia entre o sofrimento de ambos impõe. É certo que Príamo chora Heitor e Aquiles chora Pátroclo, mas ambas as dores se espreitam a partir do mesmo olhar e habitam a mesma consciência indefesa; na vacuidade das esperanças, na consciência da morte, no sentimento de um essencial exílio, descobriu Aquiles, não apenas a comunhão possível com Príamo, mas a certeza da pertença à mais alargada Pátria da nossa errância, lugar da existência dos homens<sup>10</sup>.

Esta descoberta de Aquiles é indissociável da sua dimensão heróica. Sem ela, o seu estatuto de herói ficaria deformado, inacabado. Na verdade, sem este decisivo encontro com o *outro*, fonte de civilidade e, sobretudo, possibilidade de comunhão e amor, a conduta do mais nobre dos Aqueus de belas cnémides confundir-se-ia com uma limitada expressão da força bruta, violenta e cruel. A visão derradeira da *Ilíada*, faz-nos ainda compreender o estreito caminho que ao herói se oferece. Se, pela sua própria condição heróica, o herói se demarca do comum dos mortais, realizando os feitos excepcionais que são a marca da sua ἀρετή e a garantia do reconhecimento público – na guerra ou na assembleia –, um momento há em que a excelência se pode mudar em crueldade e a distinção cobrir-se com as vestes de uma torpe ousadia. Estreito é o caminho do herói: numa mão a grandeza que o convoca, sem a qual não há glória, nem fama, mas um assignificativo dobrar dos dias; na outra mão a desmesura, a violência, a crueldade que em sonhos sedutores à grandeza se insinua.

#### RÉSUMÉ

La pitié d'Achille signifie la découverte de la plus profonde dimension de notre condition humaine. La découverte de l'autre se lève comme le sens de notre action et de notre amour. Cette signification est indissociable du statu de l'héros.

**MOTS-CLÉS:** Piété; cruauté; héroïsme.

<sup>9</sup> O tema da piedade, ilustrador da nossa frágil e vulnerável condição, vem a desempenhar um papel de relevo na tragédia. Directamente relacionada com a piedade está a questão do sofrimento imerecido, indissociável do πάθος trágico.

<sup>10</sup> Veja-se a este propósito XXIV, 518-551, particularmente vv. 524-526.